

## A campanha oposicionista ao governador paranaense Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955) por meio da caricatura política

The oppositioning campaign to the paranaense governor Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955) through political caricature

Alessandro Batistella\*

### Resumo

Herdeiro político das oligarquias destronadas pela Revolução de 1930, Bento Munhoz da Rocha Neto foi uma das principais lideranças políticas no Paraná após a redemocratização de 1945, sendo eleito governador do estado em 1950 pelo Partido Republicano (PR). Adversário político de Moysés Lupion, do Partido Social Democrático (PSD), Bento Munhoz da Rocha Neto enfrentou, durante o seu governo (1951-1955) a oposição sistemática dos *pessedistas*, que eram a maioria na Assembleia Legislativa e que dominavam a grande imprensa paranaense, em especial dois matutinos curitibanos que tinham grande circulação pelo Paraná: os jornais *Gazeta do Povo* e, sobretudo, *O Dia*. Propriedade de Moysés Lupion, o jornal *O Dia* inovou na sua campanha oposicionista com publicações diárias – durante os meses de dezembro de 1952 e setembro de 1953 – de caricaturas políticas que criticavam, satirizavam e até mesmo ridicularizavam o governador paranaense. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar algumas destas caricaturas políticas publicadas com o objetivo de criticar o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto.

**Palavras chave:** caricatura política; imprensa; *O Dia*; Paraná; Bento Munhoz da Rocha Neto.

### Abstract

A political heir of oligarchies was dethroned by the 1930's Revolution, Bento Munhoz da Rocha Neto was one of the main political leaders in Paraná after the re-democratization of 1945, and he was elected governor of the State by the Republican Party (PR), in 1950. As the political opponent of Moysés Lupion, who was part of the Social Democratic Party (PSD), Bento Munhoz da Rocha Neto faced during the years of his ruling (1951 - 1955) the systematic opposition of *pessedistas* politicians (Social-Democratic Party - PSD), who were the majority in the Legislative Assembly as well as those who dominated the mainstream

\*Doutor em História pela UFRGS. Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. E-mail: alessandrobatistella@yahoo.com.br

press in Paraná. Among those mainstream press two were of certain relevance because of their wide circulation in Paraná: *Gazeta do Povo* and *O Dia*, both published as morning editions in the city of Curitiba. The newspaper *O Dia* - property of Moysés Lupion - innovated in their political campaign with an opposition political angle within daily publication - throughout the months of December 1952 and September 1953 - from political cartoons that criticized, lampooned and even ridiculed the governor of Paraná. Therefore, the purpose of this article is to analyze some of these political cartoons published in order to criticized the Government of Bento Munhoz da Rocha Neto.

**Key words:** Political cartoons; press; *O Dia*; Paraná; Bento Munhoz da Rocha Neto.

### Considerações iniciais

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta<sup>1</sup>, as expressões “caricatura” e “charge” são geralmente utilizadas indistintamente, uma vez que não há definições canônicas. Etimologicamente, ambas originaram-se da palavra “carga” (*caricare*, em italiano, e *charge*, em francês). Entretanto, os conceitos de caricatura e charge são objetos de controvérsia e estão longe de um consenso entre os estudiosos do tema.

Rodrigo Patto Sá Motta<sup>2</sup> lembra que uma das propostas de distinção define “caricatura” como o retrato “carregado”<sup>3</sup> de figuras humanas conhecidas, enquanto a “charge” abordaria fatos ou acontecimentos específicos. Nesse sentido, Camilo Riani<sup>4</sup> propõe a seguinte distinção:

Caricatura – desenho humorístico que prioriza a distorção anatômica, geralmente com ênfase no rosto e/ou em partes marcantes/diferenciadas do corpo do retratado, revelando também, implícita ou explicitamente, traços de sua personalidade;

<sup>1</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 15.

<sup>2</sup> MOTTA, op. cit., p. 15.

<sup>3</sup> Carregar, nesse caso, tem o sentido de exagerar, de ressaltar determinadas características do retratado, sempre com intenção crítica e zombeteira. Significa fazer carga contra alguém, ou seja, atacar. In: MOTTA, op. cit, p. 15.

<sup>4</sup> Apud GAWRYSZEWSKI, Alberto. Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma. *Domínios da Imagem*. Londrina: UEL, Ano I, n. 2, 2008, p. 11.

Charge – desenho humorístico sobre fato real ocorrido recentemente na política, economia, sociedade, esportes, etc. Caracteriza-se pelo aspecto temporal (atual) e crítico.

Outra proposta de distinção ressalta o caráter crítico e reflexivo da charge a pessoas e situações específicas, enquanto a caricatura se limita a retratar um personagem. Nesse sentido, afirma Luiz Guilherme Sodré Teixeira:<sup>5</sup>

[...] a charge, diferentemente da caricatura e do cartum, busca a apreensão do real. Seu traço é pela reflexão do real, uma crítica à razão onde o humor é a base da narrativa. Portanto, [...] “a charge resume situações políticas que a sociedade vive como problemas, e os re-cria com os recursos gráficos que lhe são próprios”. Já a caricatura não visa essencialmente a reflexão, a crítica. Sua função seria reproduzir o personagem em si mesmo, ou seja, seu limite é a própria composição física do retratado, sua resposta está no exagero: o orelhudo, o narigudo, barrigudo. Sua marca seria a extravagância, o exagero nos traços, na semelhança. Mas, para este autor, a caricatura não é agressiva, embora cause o riso.

Contudo, Alberto Gawryszewski<sup>6</sup> verificou que há pesquisadores que consideram o conceito de caricatura mais amplo, isto é, que se inicialmente estava ligado intrinsecamente ao homem, posteriormente passou a abarcar algo mais. Ademais, o pesquisador também lembra que José Enrique Malagón propõe a divisão da caricatura em diversos subgêneros, como a caricatura política, a caricatura social, a caricatura político-social, a caricatura de costumes, a caricatura simbólica, a caricatura festiva, a caricatura fantástica e a caricatura pessoal.

Assim, Alberto Gawryszewski<sup>7</sup> observou que alguns estudiosos, como Carlos Abreu e José Enrique Malagón, consideram que a caricatura política vai além do simples conceito de caricatura como traços característicos e físicos do personagem, pois engloba também preocupações sociais e políticas do caricaturista. Em outras palavras, não estaríamos diante apenas de um narigudo ou barrigudo, mas diante de uma situação política ou social. Dessa forma, optamos em utilizar no presente artigo a expressão caricatura política porque as mesmas não se limitam a representar os personagens em si mesmos, uma vez que ultrapassam a representação pessoal distorcida, criticando determinados fatos políticos, sociais e econômicos.

<sup>5</sup> Apud GAWRYSZEWSKI, op. cit., p. 12.

<sup>6</sup> GAWRYSZEWSKI, op. cit., p. 10.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 13.

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta<sup>8</sup>, a fácil adaptação da caricatura ao discurso jornalístico deve-se ao fato desta funcionar como crônica política que, na maior parte dos casos, constituem-se em críticas por meio de ataques zombeteiros, em representações grotescas e cômicas, a personagens conhecidos do público. Ademais, as caricaturas políticas geralmente são utilizadas como armas de ataque aos adversários:<sup>9</sup> apontando defeitos e más ações ou realçando qualidades negativas das figuras retratadas, o objetivo é zombar do personagem representado, mostrando-o como um ser ridículo e derrisório.<sup>10</sup> Em suma, como observa Rubén Carmona,<sup>11</sup> geralmente a caricatura política visa a destruir simbolicamente a imagem do adversário.

Empregada como estratégia de comunicação e de crítica política, as caricaturas políticas fazem uso de recursos cognitivos fora do alcance dos discursos políticos convencionais, “traduzindo” eventos, conflitos e personagens políticos para uma linguagem popular, tornando tais temas mais palatáveis e próximos do universo de compreensão de todos, inclusive os analfabetos. A caricatura, em alguns casos, diz o mesmo que o discurso verbal, mas o faz de outra maneira. Geralmente, seu uso como meio de comunicação procura atingir um público amplo, utilizando-se de metáforas simples,<sup>12</sup> transmitindo assim mensagens com rapidez e mobilizando signos que podem ser compreendidos por todos.<sup>13</sup>

A utilização de textos (títulos, diálogos e legendas) nas caricaturas é outra estratégia utilizada para deixar cristalino para o receptor da mensagem a ideia ou o discurso contido na caricatura, podendo reforçar ou complementar a imagem, dando-lhe sentido, atingindo mais diretamente o caricaturado

---

<sup>8</sup> MOTTA, op. cit., p. 19-21.

<sup>9</sup> Conforme ressalta Rodrigo Patto Sá Motta: “A caricatura é antes uma arma de ataque do que de defesa: é na mordacidade que ela revela melhor o seu o seu potencial. Existem caricaturas elogiosas, mas essas geralmente não têm brilho nem graça. As melhores são as que, para atingir o efeito cômico desejado, zombam impiedosamente dos personagens sob a mira do lápis do artista. Por isso, em geralmente as caricaturas políticas são dedicadas aos adversários, raramente aos líderes admirados”. In: MOTTA, op. cit., p. 20-21.

<sup>10</sup> Segundo ainda Rodrigo Patto Sá Motta, tornar uma personalidade pública objeto do riso significa apontar nele debilidades ou falhas, realçando as suas fraquezas. Portanto, não é um ato fortuito, mas uma ação carregada de implicações políticas, pois a comicidade está ligada a uma operação mental de rebaixamento do outro, da pessoa de quem se ri, uma vez que quando alguém ri de outrem está expressando uma sensação de superioridade desdenhosa, sentindo-se elevado em comparação a pessoas cujos defeitos ou deficiências são salientados. In: MOTTA, op. cit., p. 19-21.

<sup>11</sup> Apud GAWRYSZEWSKI, op. cit., p. 15.

<sup>12</sup> Obviamente, há caricaturas mais sofisticadas e complexas, mas estas não são a regra. In: MOTTA, op. cit., p. 18.

<sup>13</sup> MOTTA, op. cit., p. 18 e 27.

ou uma situação cotidiana da população.<sup>14</sup> Ou seja, os textos justapostos nas caricaturas exercem a função que Roland Barthes chamou de ancoragem, servindo de guia de leitura, dirigindo o olhar do receptor no sentido da compreensão desejada pelo autor.<sup>15</sup>

No entanto, convém ressaltar que as caricaturas políticas expressam o ponto de vista, as ideias e, por vezes, as posições político-partidárias do seu autor e/ou do periódico em que foi publicada. No Paraná, durante o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955), o jornal *O Dia*<sup>16</sup> inovou na sua crítica e na campanha oposicionista empreendida contra o governador paranaense ao publicar diariamente – durante os meses de dezembro de 1952 e setembro de 1953 – caricaturas políticas que criticavam e satirizavam o governador do Paraná.

Dessa forma, o presente artigo tem o objetivo de analisar algumas destas caricaturas políticas publicadas pelo jornal *O Dia*. Em virtude da impossibilidade de inserirmos nesse trabalho todas as caricaturas políticas localizadas, optamos em selecionar 25 imagens – que julgamos serem as mais representativas – que evidenciam as mais recorrentes críticas realizadas pela oposição ao governador paranaense. Nesse sentido, temas como a fama de boêmio do governador e os altos gastos com a construção do Centro Cívico em Curitiba e com as comemorações do centenário de emancipação política do Paraná foram os mais incidentes. Porém, outros temas foram também bastante repetidos, como as qualidades das rodovias no estado, os problemas urbanos da capital, o aumento dos impostos estaduais e a baixa remuneração do funcionalismo público estadual.

As caricaturas, como imagens, são signos que exercem a função de significantes, isto é, “contêm ou revelam significados, sentidos, essências, conteúdos que sejam capazes de informar, significar”.<sup>17</sup> Portanto, no presente trabalho pretende-se analisar os significados, os discursos e as representações contidas nas caricaturas políticas selecionadas.

<sup>14</sup> GAWRYSZEWSKI, op. cit., p. 23.

<sup>15</sup> MOTTA, op. cit., p. 29.

<sup>16</sup> *O Dia* foi fundado em 1923 e pertencia ao jornalista e político Caio Gracho Machado de Lima, oriundo de uma tradicional família política do Paraná. Caio Machado de Lima exerceu o mandato de deputado estadual entre os anos de 1908-1909, 1930-1931 e 1935-1937. Em 1942, Caio Machado de Lima se desentendeu com o interventor Manoel Ribas e, como retaliação, teve o seu jornal estatizado. Em 1946, *O Dia* foi arrendado pelo abastado empresário e político Moysés Lupion, do Partido Social Democrático (PSD), que o utilizou explicitamente para fins políticos. Dirigido por Raul Vaz, amigo e homem de confiança de Lupion, esse jornal tornou-se o órgão oficial do lupionismo até o seu fechamento, em julho de 1961.

<sup>17</sup> CAMARGO, Isaac Antonio. Imagem: representação versus significação. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). *Imagem em debate*. Londrina: EDUEL, 2011, p. 211.

Contudo, observa-se que a maioria das caricaturas políticas publicadas no jornal *O Dia* denotam mensagens que contêm elementos de percepção direta e imediata para o leitor, além de utilizar-se de textos (títulos, diálogos e legendas) justapostos às imagens, direcionando, assim, o olhar do receptor no sentido da compreensão desejada pelo periódico. Desse modo, um dos desafios nesse trabalho será tentar analisar tais caricaturas sem ser redundante e óbvio. Assim, procuraremos, sempre que possível, nos ater à conotação das imagens, isto é, aos seus significados indiretos, subjetivos e sutis. No entanto, na impossibilidade de uma análise conotativa mais profunda, procuraremos contextualizar as caricaturas, objetivando tornar inteligível aos leitores as críticas realizadas pelos opositores de Bento Munhoz da Rocha Neto.

O presente artigo foi estruturado em suas seções. Na primeira, pretende-se abordar a trajetória política do personagem alvo das críticas – o governador Bento Munhoz da Rocha Neto – com o intuito de familiarizar o leitor com o contexto político do Paraná das décadas de 1940 e 1950. Na segunda seção, pretende-se analisar algumas das caricaturas políticas publicadas pelo jornal *O Dia*.

### **Breves considerações acerca da trajetória política de Bento Munhoz da Rocha Neto<sup>18</sup>**

Oriundo de uma família tradicional do Paraná, proprietária de engenhos de mate e ligada ao comércio exportador deste produto, Bento Munhoz da Rocha Neto nasceu em Paranaguá a 17 de dezembro de 1905, filho de Caetano Munhoz da Rocha e Olga Souza Munhoz da Rocha. Seu pai, Caetano Munhoz da Rocha (1879-1944), era médico e um dos mais influentes líderes do Partido Republicano Paranaense (PRPR), que governou o Paraná durante dois mandatos sucessivos (1920-1924 e 1924-1928) e elegeu-se senador em 1928.<sup>19</sup>

Bento Munhoz da Rocha Neto se formou engenheiro, em 1926, pela Universidade do Paraná; em 1929, casou-se com Flora Camargo, filha de Affonso Alves de Camargo – um tradicional político do Partido Republicano Paranaense (PRPR) que presidiu o estado entre 1916-1920 e 1928-1930 (sendo destituído pela Revolução de 1930) –, reforçando assim a união política

---

<sup>18</sup> Sobre mais detalhes acerca da trajetória política de Bento Munhoz da Rocha Neto, ver: KUNHAVALIK, José Pedro. Bento Munhoz da Rocha Netto: trajetória política e gestão no governo do Paraná. In: OLIVEIRA, Ricardo Costa (Org.). *A construção do Paraná moderno: políticos e política no governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: SETI, 2004, p. 143-230. Ver também: REBELO, Vanderlei. *Bento Munhoz da Rocha: o intelectual na correnteza política*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

<sup>19</sup> No entanto, Caetano Munhoz da Rocha não cumpriu inteiramente o seu mandato no Senado, pois a Revolução de 1930 fechou o Congresso Nacional e as Assembléias estaduais.

entre as duas tradicionais famílias paranaenses, que desde 1916 dominavam politicamente o estado.<sup>20</sup>

Embora tenha se formado em engenharia, Bento não se dedicou efetivamente a esta profissão (ocupou, por um breve período, o cargo de engenheiro na Caixa Econômica Federal), inclinando-se – a partir de 1940 – à carreira acadêmica na área de Ciências Humanas: foi professor de História, Sociologia e Psicologia na Universidade do Paraná e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. No decorrer da sua vida, também publicou inúmeros livros, artigos e ensaios.<sup>21</sup>

Por outro lado, o intelectual Bento Munhoz da Rocha Neto era também considerado o herdeiro político das oligarquias destronadas pela Revolução de 1930 e era, no Paraná, um dos opositores da ditadura estadonovista de Getúlio Vargas. Com a crise do Estado Novo e o processo de democratização iniciado em 1945, Bento ingressou na Frente Única do Paraná,<sup>22</sup> que aglutinava os grupos opositores a Vargas no estado e que realizava uma campanha sistemática à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República e à volta do Território do Iguazu<sup>23</sup> à jurisdição do Paraná. No final de maio de 1945, a Frente Única integrou-se à União Democrática Nacional (UDN), dando origem ao partido no estado.

Nas eleições de dezembro de 1945, Bento foi eleito deputado federal constituinte<sup>24</sup> pela UDN paranaense. No ano seguinte, ao lado de outros dissidentes, Bento articulou a criação do Partido Republicano (PR) no Paraná,

---

<sup>20</sup> A família Alves de Camargo representava os proprietários de terra dos Campos Gerais e de Guarapuava; a família Munhoz da Rocha, por sua vez, representava os setores dominantes do litoral e os interesses ervateiros. In: OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e Estado no Paraná*. Curitiba: Moinho de Vento, 2001, p. 239.

<sup>21</sup> KUNHAVALIK, op. cit., p. 147-148.

<sup>22</sup> Articulada no final de fevereiro de 1945 e lançada oficialmente em março, a Frente Única do Paraná reunia nomes como o major Plínio Alves Monteiro Tourinho, Joaquim Pereira de Macedo (que representavam o grupo dos ex-aliados de Getúlio marginalizados depois de 1930), Laerte Munhoz, Arthur Ferreira dos Santos (que representavam o grupo dos oligarcas que foram aliados do poder após 1930), Erasto Gaertner, Francisco de Paula Soares Neto, Otávio da Silveira, o intelectual David Carneiro, o engenheiro Othon Mader, o jornalista Caio Machado, entre inúmeros outros políticos, profissionais liberais, intelectuais e estudantes. Cf. “O momento nacional”. *Gazeta do Povo*, 25 fev. 1945, p. 3. Ver também: “Ao povo paranaense”. In: *Gazeta do Povo*, 10 mar. 1945, p. 3.

<sup>23</sup> O Território Federal do Iguazu submetia-se diretamente ao governo federal. Foi criado pelo Decreto Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, e abrangia a região dos municípios paranaenses de Foz do Iguazu, Iguazu e Clevelândia, além da região oeste de Santa Catarina. Abrangendo regiões de fronteiras internacionais, o Território do Iguazu foi criado sob a justificativa de envolver problemas de integridade e segurança nacional e de buscar-se a sua integração ao território nacional.

<sup>24</sup> Na Assembleia Nacional Constituinte, Bento Munhoz da Rocha Neto defendeu sistematicamente à volta do Território do Iguazu à jurisdição do Paraná e Santa Catarina. Cf. REBELO, op. cit., p. 67-71.

partido cujas raízes remontam aos antigos PR's da República Velha.<sup>25</sup> Liderado, em nível nacional, pelo ex-presidente Arthur Bernardes, o PR aglutinava os remanescentes das antigas oligarquias estaduais da Primeira República.<sup>26</sup>

Em 1947, o deputado federal Bento Munhoz da Rocha Neto concorreu ao governo do Paraná, disputando a eleição contra o abastado empresário Moysés Lupion de Tróia,<sup>27</sup> do Partido Social Democrático (PSD). Considerado o herdeiro político do ex-interventor Manoel Ribas, que faleceu em janeiro de 1946, Lupion ambicionava o governo do Paraná e utilizava a sua fortuna para promover a sua candidatura, inclusive comprando jornais – como *O Dia*, de Curitiba, e *Correio do Paraná*, de Londrina, além de 49% da *Gazeta do Povo*, de Curitiba – e emissoras de rádios, como a *Rádio Sociedade Guairacá Ltda.*, em Curitiba – que controlava seis outras emissoras no interior do Paraná.<sup>28</sup>

Além do poderio financeiro, Lupion também costurou uma grande aliança interpartidária envolvendo o PSD, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) – que possuía um Diretório amplamente lupionista –, a UDN e o Partido de Representação Popular (PRP).

Embora Bento tenha recebido o apoio do Partido Libertador (PL), de uma pequena dissidência pessedista liderada por Brasil Pinheiro Machado e de um grupo de dissidentes udenistas que não compactuaram com a contraditória aliança com os partidos varguistas (PTB e PSD), o jornalista Samuel Guimarães Costa<sup>29</sup> relata que a candidatura de Lupion era praticamente invencível, pois contava com o apoio oficial dos três principais partidos (PSD, PTB e UDN) e dispunha de muitos recursos financeiros. Com o seu nome sendo propagandeado em todo o estado por meio de rádios e jornais de grande circulação (*O Dia* e *Gazeta do Povo*), Lupion utilizava-se de um discurso popular (cujo *slogan*

---

<sup>25</sup> O Partido Republicano (PR) obteve relevância política no Paraná, alcançando o posto de quarto principal partido do estado durante a década de 1950.

<sup>26</sup> FLEISCHER, David V. Dimensões do recrutamento partidário. In: FLEISCHER, David V. (Org.). *Os partidos políticos no Brasil*. Brasília: UnB, 1981, v. I, p. 60-61.

<sup>27</sup> Amigo íntimo do ex-interventor federal no Paraná, Manoel Ribas (1932-1945), Moysés Lupion de Tróia nasceu em Jaguariaíva (PR) em 25 de março de 1908. Formou-se em contabilidade pela Escola Álvares Penteado, em São Paulo. De volta ao Paraná, atuou como empresário do setor madeireiro e construiu um império econômico. In: CARNEIRO, David; VARGAS, Túlio. *História biográfica da República no Paraná*. Curitiba: Banestado, 1994, p. 199-201.

<sup>28</sup> SALLES, Jefferson de Oliveira. A relação entre o poder estatal e as estratégias de formação de um grupo empresarial paranaense nas décadas de 1940-1950: o caso do Grupo Lupion. In: OLIVEIRA, Ricardo Costa (Org.). *A construção do Paraná moderno: políticos e política no governo do Paraná de 1930 a 1980*. Curitiba: SETI, 2004, p. 98.

<sup>29</sup> COSTA, Samuel Guimarães. *História política da Assembleia Legislativa do Paraná*. Curitiba: Assembleia Legislativa, 1994, v. 1, p. 366.

era “Paraná Maior”) e dizia-se representar a renovação – uma vez que não pertencia às famílias tradicionais –, ao contrário de Bento, que era representado como um candidato das elites curitibanas.<sup>30</sup>

Desta maneira, Lupion venceu as eleições de 19 de janeiro de 1947 com uma ampla margem de votos:

Tabela 1 – Resultado das eleições para o governo do Paraná em 1947

Candidato	Partido/Coligação	Nº de votos	%
Moysés Lupion de Tróia	PSD/PTB/UDN/PRP	90.251	59,1%
Bento Munhoz da Rocha Neto	PR	44.809	29,3%
Branços		11.228	7,3%
Nulos		6.522	4,3%
Total		152.810	100%

Fonte: IPARDES. *Resultados eleitorais: Paraná (1945-1982)*. Curitiba: IPARDES, 1989, p. 11.

Derrotado nas eleições de 1947, Bento Munhoz da Rocha Neto tornou-se, ao lado do jornalista Roberto Barrozo<sup>31</sup> – diretor do jornal *Diário da Tarde*, que utilizava as páginas do seu jornal para criticar sistematicamente Lupion –, um dos principais inimigos políticos do novo governador paranaense.

Durante o seu governo, Moysés Lupion e o PSD romperam com a UDN<sup>32</sup>, o PRP e o PTB<sup>33</sup>, o que contribuiu para fortalecer a candidatura de Bento

<sup>30</sup> MAGALHÃES, Marion Brepohl. *Paraná: política e governo*. Curitiba: SEED, 2001, p. 56.

<sup>31</sup> No final de 1945, o advogado, político e jornalista Roberto Barrozo assumiu a direção do jornal de propriedade de Hildebrando de Araújo. Roberto Barrozo nasceu em 1895 no Rio de Janeiro, mas mudou-se para o Paraná no final da década de 1910. Na década de 1930, Barrozo chegou a ser preso, a mando do interventor Manoel Ribas, em virtude dos seus artigos, publicado no *Correio do Paraná*, no qual criticava Getúlio Vargas e o próprio interventor. No entanto, após esse fato Barrozo tornou-se amigo de Manoel Ribas, que o nomeou chefe de polícia do Estado. Durante o processo de redemocratização de 1945, Roberto Barrozo foi um dos principais líderes do movimento queremista no Paraná (movimento que reivindicava o continuísmo de Getúlio Vargas) e ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) do Paraná. Crítico ferrenho e inimigo político de Moysés Lupion, Barrozo entrou em rota de colisão com a Executiva do PTB paranaense, então dominada por uma ala lupionista. Sem espaço no partido, Barrozo concorreu às eleições ao Senado em 1947 pelo Partido Social Progressista (PSP), mas foi derrotado pelo udenista Arthur Ferreira dos Santos (que contou com o apoio do PSD, do PTB e do PRP). Em setembro de 1947, Roberto Barrozo retornou ao PTB e foi eleito o vereador mais votado em Curitiba. Porém, acabou sendo expulso do partido em janeiro de 1948. Em 1949, Barrozo e outros dissidentes petebistas migraram para o Partido Social Trabalhista (PST). Cf. BATISTELLA, Alessandro. *O Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965)*. Curitiba: UFPR, 2016.

<sup>32</sup> No final de 1947, a crise entre o PSD e a UDN acentuou-se e o iminente rompimento foi oficializado no início de 1948. A partir de então a UDN do Paraná empreendeu uma ferrenha oposição ao governo Lupion, tornando-se uma implacável e eterna inimiga do governador paranaense. Cf. BATISTELLA, op. cit., 2016.

<sup>33</sup> Colocado à margem do governo, as relações entre o PTB paranaense e o governador se deterioraram e,

Munhoz da Rocha Neto ao governo do estado nas eleições de 1950, por meio da articulação de uma grande aliança antilupionista envolvendo o PR, a UDN, o PRP, o Partido Libertador (PL), o Partido Social Trabalhista (PST) – então liderado pelo jornalista Roberto Barrozo – e que também contou com o importante apoio de uma significativa fração do PTB e de uma ala dissidente do PSD (capitaneada pelos influentes deputados federais Major Fernando Flores e Aramis Athayde – cunhado de Munhoz da Rocha).

Durante a sua campanha eleitoral, Bento Munhoz da Rocha Neto centrou-se na defesa da moralidade do homem público<sup>34</sup> – ao estilo udenista –, em um contexto em que Moysés Lupion estava com a sua imagem desgastada devido às acusações de improbidade administrativa. Assim, nas eleições de 3 de outubro de 1950, Bento derrotou, com ampla margem de votos, o candidato lupionista Angelo Lopes (PSD):

Tabela 2 – Resultado das eleições para o governo do Paraná em 1950

Candidato	Partido/Coligação	Nº de votos	%
Bento Munhoz da Rocha Neto	PR/UDN/PRP/PL/PST	172.586	62,9%
Ângelo Ferrari Lopes	PSD	84.324	30,7%
Carlos Amoreti Osório	PSB	210	0,1%
Branco		11.890	4,3%
Nulos		5.550	2%
TOTAL		274.560	100%

Fonte: IPARDES, op. cit., p. 11.

Apesar do antagonismo político com Moysés Lupion, Bento Munhoz da Rocha Neto, durante o seu governo (1951-1955), deu continuidade ao programa do seu antecessor, sobretudo no que se refere às políticas de colonização e expansão das fronteiras agrícolas das regiões oeste/sudoeste e norte do estado.<sup>35</sup>

David Carneiro e Túlio Vargas<sup>36</sup> lembram que o governo de Bento também priorizou projetos rodoviários, fundamentais para a integração do estado e para a escoação da produção agrícola do estado.<sup>37</sup> Neste sentido, José Pedro

---

gradativamente, os petebistas passaram a fazer oposição a Lupion, cujo rompimento foi oficializado em setembro de 1948. Cf. BATISTELLA, op. cit., 2016.

<sup>34</sup> KUNHAVALIK, op. cit., p. 167.

<sup>35</sup> MAGALHÃES, op. cit., p. 57.

<sup>36</sup> CARNEIRO; VARGAS, op. cit., p. 205.

<sup>37</sup> Conforme Marion Magalhães, na região norte a carência verificada no setor impedia o escoamento da

Kunhavalik<sup>38</sup> ressalta que o governador procurou implementar políticas públicas visando a promover a integração do estado em nível físico, econômico, social e político.

Além disso, o governador Bento também investiu em diversas obras em Curitiba, alusivas às festividades da comemoração do centenário da emancipação política do Paraná,<sup>39</sup> como o Centro Cívico (CC) e o seu conjunto de edifícios destinados a centralizar a administração pública,<sup>40</sup> a Praça do Centenário (Praça Dezenove de Dezembro e o Monumento do Centenário), a Biblioteca Pública do Paraná e o novo Teatro Guaíra. Ademais, as comemorações do centenário de emancipação política do Paraná contribuíram para que os anos do governo de Bento fossem marcados por um paranismo<sup>41</sup> ufanista.

Entretanto, as iniciativas de Bento não chegaram a investi-lo de popularidade, particularmente no interior do estado. Assim, a sua gestão foi considerada pela opinião pública como excessivamente elitista, pois se deteve principalmente à cidade de Curitiba, em detrimento dos investimentos no interior do estado.<sup>42</sup>

---

produção, levando a que esta fosse realizada via São Paulo e Santos, gerando prejuízos à arrecadação fiscal do estado, além de ameaçar a unidade política do Paraná – dado que o norte estava mais dependente da administração paulista do que da paranaense, remetendo àquele estado suas demandas e expectativas. In: MAGALHÃES, op. cit., p. 63.

<sup>38</sup> KUNHAVALIK, op. cit., p. 191.

<sup>39</sup> O Paraná emancipou-se politicamente de São Paulo no dia 19 de dezembro de 1853.

<sup>40</sup> Como as sedes dos poderes Executivo (Palácio São Francisco) e Legislativo (Palácio Rio Branco) já estavam bastante acanhadas para suas funções burocráticas, o governador decidiu substituí-las, reunindo toda a administração pública – as sedes dos poderes Executivo (Palácio Iguazu), Legislativo e Judiciário e os órgãos auxiliares dos três poderes – em novos prédios que seriam edificadas numa única região de Curitiba, que ele chamou de Centro Cívico. O lugar escolhido para sediar o Centro Cívico era conhecido então como Campo do Paraná ou Vila Lustosa. Embora se localizasse a apenas 1.500 metros da praça Tiradentes – centro de Curitiba –, o bairro tinha características de zona rural, com campos de pastagem de gado e algumas poucas casas. In: REBELO, op. cit., p. 239-241.

<sup>41</sup> O paranismo foi um movimento de construção identitária do Paraná que teve início após a sua emancipação política de São Paulo, em dezembro de 1853, e que se popularizou no final da década de 1920. Portanto, o paranismo é um movimento regionalista resultante de um longo processo de formulação de uma auto-imagem do estado do Paraná, em contraposição às outras regiões do Brasil. Nesse processo desempenharam um papel fundamental intelectuais, literatos e artistas plásticos, que se tornaram os principais “arquitetos” de uma identidade local. No entanto, convém lembrar que o paranismo teve (e tem) pouca influência nas regiões norte e oeste/sudoeste do Paraná, uma vez que estas regiões foram colonizadas principalmente por paulistas e sul-rio-grandenses e catarinenses, respectivamente. Mais detalhes sobre o paranismo, ver: CAMARGO, Geraldo Leão Veiga de. *Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná (1853-1953)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2007. Ver também: BATISTELLA, Alessandro. O paranismo e a invenção da identidade paranaense. *Revista Eletrônica História em Reflexão*. Dourados: UFGD, v. 6, n. 11, p. 1-13, 2012.

<sup>42</sup> MAGALHÃES, op. cit., p. 56.

Na arena política, Bento enfrentou a oposição sistemática do PSD, partido majoritário na Assembleia Legislativa estadual<sup>43</sup> e que dominava a grande imprensa paranaense – sobretudo os jornais *Gazeta do Povo* e *O Dia* –, onde era frequentemente e duramente criticado. Em particular, o jornal curitibano *O Dia*, que pertencia ao ex-governador Moysés Lupion (PSD), inovou nos seus ataques a Bento Munhoz da Rocha Neto, publicando quase diariamente – entre os meses de dezembro de 1952 a setembro de 1953 – caricaturas políticas, produzidas pelos caricaturistas Carlos e Djonir.<sup>44</sup>

### **A campanha oposicionista ao governador Bento Munhoz da Rocha Neto por meio da caricatura política**

Uma grande fração das caricaturas políticas publicadas pelo jornal *O Dia* realizavam ataques pessoais ao governador paranaense, sobretudo à sua fama de boêmio.<sup>45</sup> Assim, o jornal reproduziu frequentemente Bento como um bebedor e apreciador de whisky.

Na imagem 1, intitulada “Tudo azul!”, a caricatura representa o governador alcoolizado e desatinado, devaneando com as construções do Centro Cívico (CC), do Teatro Guaíra e preocupado com a compra de mais garrafas de whisky para as festividades de comemorações do centenário de emancipação política do Paraná. Em tom de ironia, a caricatura associa o fato de estar “tudo azul” – uma gíria antiga que significa “tudo ótimo” – somente para o alcoolizado governador.

---

<sup>43</sup>O PSD ocupava 16 cadeiras na Assembleia Legislativa, enquanto a base aliada de Bento Munhoz da Rocha Neto somava 15 deputados (oito da UDN, seis do PR e um do PRP). Diante deste cenário, uma peça chave nesse tabuleiro era o PTB, que tinha 12 deputados e cuja posição seria determinante para o quadro político do Paraná. De uma maneira geral, a relação entre o PTB paranaense e o governador Bento foi repleta de nuances, com períodos de relativa cumplicidade e outros de discordâncias e desentendimentos. Na verdade, adotando uma posição pragmática, o PTB paranaense revelou-se um partido sem uma posição oficial bem definida (se era aliado ou oposição) e, assim, dividiu-se em duas alas: de um lado, havia uma fração bentista, que barganhava apoio político em troca de cargos e nomeações, formada pelos deputados estaduais Antônio Anibelli, Jorge de Lima, Francisco Silveira da Rocha, Antônio Baby, Alcides Caetano e Raul de Rezende Filho; de outro, havia uma fração que defendia uma posição de independência do PTB, isto é, sem nenhum tipo de compromisso oficial com o Executivo estadual, formada pelos deputados estaduais Divonsir Borba Cortes e Júlio Rocha Xavier, José Hoffmann, Gastão Vieira de Alencar, Dagoberto Pusch e Francisco Soares. Cf. BATISTELLA, op. cit., 2016.

<sup>44</sup>Não foram obtidas maiores informações acerca destes dois caricaturistas.

<sup>45</sup>No final da década de 1930, Bento Munhoz participou de um grupo de intelectuais denominado Patrulha da Madrugada, que se reunia nas redações dos jornais *O Dia* e *Gazeta do Povo* e, após o fechamento dos jornais, saíam e percorriam as praças e os bares para conversar e debater determinados temas. In: KUNHAVALIK, op. cit., p. 153-154.

Imagem 1



Fonte: *O Dia*, 17 mar. 1953, p. 4.

Na imagem 1 também é interessante notar a analogia feita entre whisky e cachaça. Provavelmente, o caricaturista Djonir procurou dizer ao público que o whisky, bebida mais sofisticada e importada, corresponderia à cachaça nacional, uma vez que ambas tem um teor alcoólico aproximado.

Na imagem 2 também percebe-se a analogia entre whisky e cachaça, uma vez que o título da caricatura (“whiskey não é água, não...”) é inspirado em uma conhecida marchinha carnavalesca, cujo início é “você pensa que cachaça é água, cachaça não é água não...”. Utilizando-se da ironia, o autor procurou sugerir que tal marchinha poderia perfeitamente traduzir a forma como estavam sendo conduzidas pelo governador as comemorações do centenário de emancipação política do estado. Afinal, como diz a letra da referida música: “[...] pode me faltar tudo na vida, arroz, feijão e pão; [...] só não quero que me falte a danada da cachaça”. Inclusive, observa-se que o autor enfatizou na caricatura a chegada de um navio, oriundo dos Estados Unidos (EUA), trazendo quatro mil caixas de whisky para “animar” as festividades.

Imagem 2



Fonte: *O Dia*, 18 abr. 1953, p. 4.

Algumas caricaturas publicadas também procuravam caracterizar Bento como um indivíduo megalomaniaco e egocêntrico, como, por exemplo, nas imagens 3 e 4. Na imagem 3, o caricaturista Djonir procura representar um homem tentando enxergar o que se passa na cabeça do governador. E verifica que Bento está preocupado em construir o maior viaduto do Brasil, o maior teatro do Brasil (em alusão ao Teatro Guaíra), a maior estrutura de concreto do mundo (em alusão a uma das edificações do Centro Cívico), etc. Enfim, “qualquer coisa maior do mundo”, insinuando que Bento é um megalomaniaco.

Imagem 3

Fonte: *O Dia*, 27 jan. 1953, p. 4.

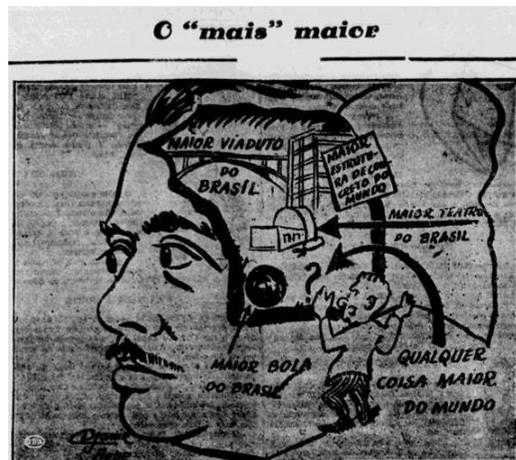


Imagem 4



Fonte: *O Dia*, 15 set. 1953, p. 4.

Por sua vez, na imagem 4 a intenção do caricaturista Carlos é também enfatizar Bento como um indivíduo megalomaniaco e egocêntrico. Montado em um camelo, Bento aponta para uma pirâmide (em alusão às “obras faraônicas” do Centro Cívico) e repete a um homem (que representa o povo) a famosa frase dita por Napoleão Bonaparte aos seus comandados durante a invasão francesa ao Egito em 1798: “Do alto dessa pirâmide 40 séculos vos contemplarão!”. Percebe-se nessa ilustração que a analogia entre Bento e Napoleão, um personagem visto por alguns como megalomaniaco e egocêntrico, tem a intenção justamente de enfatizar tais características à personalidade do governador paranaense. E mais, a representação de Bento imitando Napoleão também pode sugerir que o governador estivesse louco.

Ainda na imagem 4, a pirâmide representando o Centro Cívico (CC) também ilustra uma das mais frequentes críticas realizadas pelo jornal *O Dia* ao governador: os altos gastos do governo estadual com as “obras faraônicas” do Centro Cívico e nas comemorações do centenário de emancipação política do Paraná. Inclusive, inúmeras caricaturas procuraram criticar sistematicamente um suposto desperdício do dinheiro público. Vejamos, por exemplo, as imagens 5, 6 e 7.

Imagem 5



Fonte: *O Dia*, 18 jan. 1953, p. 4.

Na imagem 5, intitulada “O Centro Cívico e a renda estadual”, o autor fez uso de elementos que nos permite uma percepção direta e imediata da mensagem que quer transmitir: o governador “despejando” toda a renda estadual nas obras do Centro Cívico. No entanto, percebem-se também na imagem algumas mensagens indiretas, como o fato do governador ter sido representado com orelhas avantajadas, o que conota uma analogia a um burro. Ademais, há também no canto esquerdo da imagem a representação de um mapa do Paraná com curativos (o que conota que o estado necessita de “cuidados” – ou investimentos) e olhando, com um ar de lamentação, o governador utilizar o dinheiro público apenas com as obras do Centro Cívico.

Da mesma forma, na imagem 6 percebe-se que o caricaturista Carlos também utiliza elementos que transmitem uma mensagem direta. Intitulada “O campeão do esbanjamento”, a caricatura faz uma série de analogias ao futebol, com Bento chutando três bolas (representando o dinheiro público) em uma trave (que representa o Centro Cívico). O fato de Bento chutar três bolas na mesma direção (no caso, o Centro Cívico) denota uma mensagem de exagero – ou de esbanjamento, conforme salienta o título da caricatura. Por outro lado, também se percebe uma mensagem subjetiva na imagem: o fato de Bento ser representado barrigudo conota a ideia de que ele, tal como um atleta fora de forma, não está apto para exercer tal atividade.

Imagem 6



Fonte: *O Dia*, 18 mar. 1953, p. 4.

Por sua vez, a imagem 7, cujo título é “Os quitutes do mestre cuca...”, também procura transmitir uma mensagem direta. Em tom de ironia, Bento é representado como um “mestre cuca” (isto é, alguém com habilidades culinárias) preparando um prato representando o Centro Cívico. Observa-se na caricatura que o prato será assado em um forno que representa a Secretaria da Fazenda, que é aquecido por uma fogueira, que está queimando o dinheiro público. Assim, a caricatura denota o desperdício do dinheiro público na construção do Centro Cívico. Tal discurso é reforçado por outra mensagem indireta na caricatura: a alusão do Centro Cívico a um quitute (um tipo de comida que serve como acompanhamento, não como a refeição principal) conota que a construção do Centro Cívico é algo secundário, mas que está sendo tratada como prioridade pelo governador, em detrimento dos outros investimentos no estado.

Imagem 7



Fonte: *O Dia*, 3 maio 1953, p. 4.

Já na imagem 8, publicada na Páscoa de 1953 e intitulada “Páscoa feliz... para o C.C.,” o caricaturista Carlos faz uma crítica utilizando-se de uma mensagem de rápida percepção ao leitor: o coelho da Páscoa leva um carrinho carregado de ovos (que representam o dinheiro público) para uma cesta, que representa o Centro Cívico. Em outras palavras, a imagem denota que a renda estadual, oriunda dos impostos e outras fontes, estava sendo direcionada para o Centro Cívico. Também chama a atenção o tamanho da orelha do coelho, o que conota uma analogia a um burro, isto é, um coelho tomando uma atitude nada inteligente.

Imagem 8



Fonte: *O Dia*, 5 abr. 1953, p. 4.

Imagem 9



Fonte: *O Dia*, 11 jul. 1953, p. 4.

Na imagem 9, o caricaturista Carlos utiliza a conhecida fábula da formiga e da cigarra, que cantou durante todo o verão sem se preocupar com o futuro (o inverno). Publicada justamente no inverno de 1953, a caricatura representa Bento como a cigarra da fábula, que gastou, sem se preocupar com o futuro, todas as suas reservas na construção do Centro Cívico e que agora estava precisando da ajuda do povo (representado pela formiga) para obter mais recursos financeiros para concluir as obras do Centro Cívico e das comemorações do centenário.

Ademais, em julho de 1953 uma forte geada trouxe graves prejuízos à cafeicultura paranaense, o que acarretou uma significativa queda na arrecadação estadual, tendo em vista que o café era uma das maiores fontes de arrecadação do estado. Diante de tal panorama, no segundo semestre de 1953, o governo planejou aumentar os impostos sobre as vendas e consignações, fato que foi bastante criticado pelo jornal oposicionista, conforme demonstram, por exemplo, as imagens 10 e 11.

Imagem 10



Fonte: *O Dia*, 23 set. 1953, p. 4.

A imagem 10, publicada em setembro de 1953, apresenta uma mensagem direta e de rápida percepção: Bento é representado como um índio Apache que está na iminência de “escalpelar” um homem (representando o povo) com uma faca (que representa o aumento em 10% dos impostos sobre vendas e consignações). Da mesma forma, a imagem 11, publicada cinco dias antes da caricatura anterior, também é bastante direta: o governador, durante as comemorações do centenário de emancipação política do estado, “presenteia” o povo com o aumento dos impostos.

Imagem 11



Fonte: *O Dia*, 18 set. 1953, p. 4.

No entanto, a proposta do governo em aumentar para 10% os impostos sobre as vendas e consignação (IVC, cuja alíquota vigente era de 3%) destinava-se também a criação de um Fundo Estadual de Eletrificação<sup>46</sup>, uma vez que o Paraná sofria com constantes e graves problemas no abastecimento de energia elétrica.

<sup>46</sup> O Fundo Estadual de Eletrificação daria origem posteriormente à Companhia Paranaense de Eletricidade (COPEL), em outubro de 1954.

No início da década de 1950, o Paraná era um estado pouco industrializado e predominantemente agrícola, cujo destaque era a produção de café na região norte do estado. Dessa forma, a utilização dos recursos provenientes da produção cafeeira para as obras do Centro Cívico também foram amplamente criticados pelos adversários políticos de Bento Munhoz da Rocha Neto, conforme demonstra, por exemplo, a caricatura na imagem 12.

Intitulada “Até ao amargo fim...” em alusão a uma música (mais especificamente um samba-canção – estilo musical originário do samba, porém mais lento, romântico e melancólico) de sucesso na época, a imagem 12 representa um governador romântico e amoroso, que parece cantar a referida música a uma vaca, que representa o setor cafeeiro do estado. Observa-se na imagem que Bento está ordenhando a vaca, cujo leite (representando os recursos financeiros oriundos da cafeicultura) está sendo colocado em um recipiente, que representa algumas obras do centenário, como o Centro Cívico, o Teatro Guaíra e a Biblioteca Pública do Paraná. Portanto, a caricatura está enfatizando uma das críticas mais recorrentes ao governador: o fato de estar privilegiando os investimentos do seu governo em Curitiba, sobretudo no Centro Cívico e nas obras de comemoração do centenário, em detrimento ao interior do estado.

Imagem 12



Fonte: *O Dia*, 22 fev. 1953, p. 4.

Apesar do governo de Munhoz da Rocha ter investido em projetos rodoviários, fundamentais para a escoação da produção agrícola do estado, a qualidade das rodovias paranaenses foi também amplamente criticada por meio das caricaturas, conforme demonstra, por exemplo, a imagem 13:

Imagem 13



Fonte: *O Dia*, 17 jul. 1953, p. 4.

Na imagem 13, o caricaturista Carlos também procurou ser direto na sua crítica, representando uma estrada do interior em uma situação precária e comparando-a com a Cordilheira dos Andes. Soma-se a isso o fato de ressaltar que se trata de “uma estrada do governo da elite”, enfatizando, assim, a recorrente crítica realizada à gestão de Bento Munhoz da Rocha Neto como excessivamente elitista.

Contudo, mesmo em Curitiba, local onde se concentravam a maior parte dos investimentos do governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, os opositores também criticavam o fato do governador priorizar o Centro Cívico e as obras de comemorações do centenário e negligenciar a solução de outros problemas da cidade. Na imagem 14, publicada em dezembro de 1952, o autor Carlos procurou destacar o contraste existente entre o Centro Cívico e

a periferia da capital, utilizando como exemplo uma escola abandonada no bairro Guabirota.

Imagem 14



Fonte: *O Dia*, 30 dez. 1952, p. 4.

Imagem 15



Fonte: *O Dia*, 17 dez. 1952, p. 4.

Da mesma forma, Carlos, na imagem 15, também publicada em dezembro de 1952, enfatiza os contrastes presentes na capital entre as obras do Centro Cívico e o restante da cidade. Intitulada “As novas pirâmides... e o resto...”, a caricatura chama as obras do Centro Cívico de faraônicas e ressalta a situação de abandono de Curitiba, com a recorrente falta de energia elétrica, o problema no transporte público e os inúmeros buracos nas ruas da cidade.

Imagem 16



Fonte: *O Dia*, 21 maio 1953, p. 4.

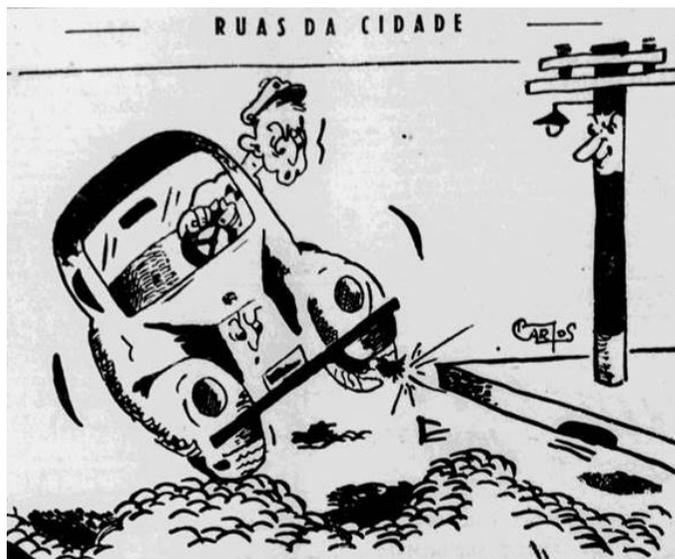
Na imagem 16, cujo título é “Programa do centenário”, publicada em maio de 1953, Carlos repete novamente a crítica de que a capital – com exceção do Centro Cívico – está completamente abandonada e repleta de buracos. Em tom de deboche, inclusive compara um dos buracos a um precipício.

Em suma, os problemas urbanos enfrentados diariamente pela população de Curitiba foram amplamente utilizados para criticar o governo de Bento Munhoz da Rocha Neto porque nesta época a administração da capital também era responsabilidade do governador, uma vez que o posto de prefeito da capital era um cargo nomeado pelo Executivo estadual<sup>47</sup>. Desta maneira,

<sup>47</sup>Durante o governo de Bento foram nomeados prefeitos de Curitiba: Amâncio Moro (do PTB, entre janeiro e julho de 1951), Wallace Tadeu de Mello e Silva (do PTB, entre julho e outubro de 1951), Erasto Gaertner (da UDN, entre outubro de 1951 a maio de 1953), José Luiz Guerra Rêgo (do PR, entre maio de 1953 a março de 1954) e Ernani Santiago de Oliveira (do PR, entre março e novembro de 1954). In: KUNHAVALIK, op. cit., p. 187.

podemos encontrar inúmeras caricaturas que criticam a qualidade das ruas da cidade (imagem 17), à coleta e acúmulo de lixo na capital (imagem 18), os alagamentos causados pelas chuvas (imagem 19), entre outros.

Imagem 17



Fonte: *O Dia*, 28 mar. 1953, p. 4.

Imagem 18



Fonte: *O Dia*, 12 set. 1953, p. 4.

A crítica presente na imagem 17 nos permite uma fácil e rápida percepção. Já a imagem 18, intitulada “A 4ª pirâmide”, satiriza o fato do acúmulo de lixo em Curitiba estar tão demorado que há uma analogia a uma quarta pirâmide, muito maior do que as três mais famosas pirâmides egípcias – Quéops, Quéfren e Miquerinos, localizadas no Planalto de Gizé.

Já na imagem 19, o autor Carlos procurou criticar um problema recorrente em Curitiba após as chuvas: o alagamento da cidade e a falta de energia elétrica.

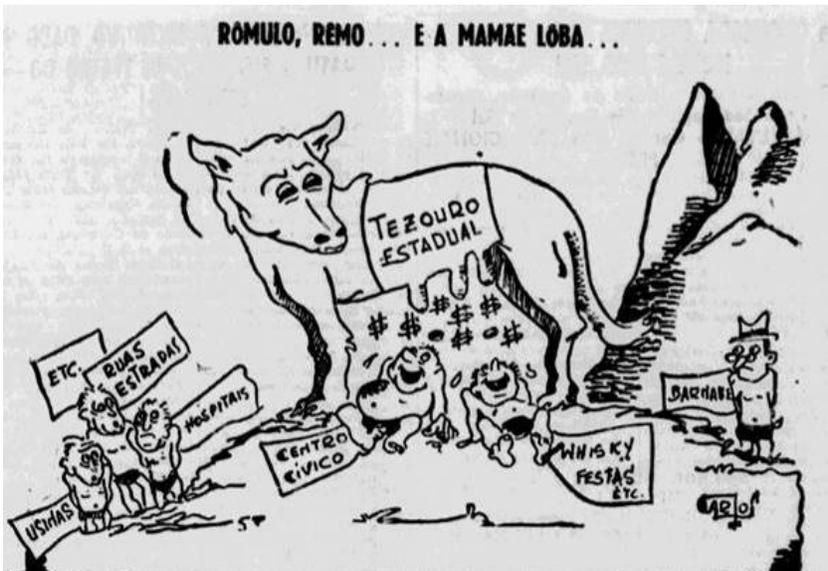
Imagem 19



Fonte: *O Dia*, 28 ago. 1953, p. 4.

Por sua vez, na imagem 20, intitulada “Rômulo, Remo... e a mamãe loba”, Carlos, utilizando-se do mito de origem romano, procurou representar o tesouro estadual como uma loba, que amamentava os irmãos Rômulo e Remo, que representavam o Centro Cívico, whisky, festas, etc. Observa-se que o autor procurou explicitar que os dois indivíduos estavam “confortáveis e gordos de tanto mamar nas tetas do tesouro estadual”, enquanto outros três indivíduos no canto esquerdo (representando ruas, estradas, hospitais, usinas, etc.) estavam completamente esquecidos e apenas observando desolados os outros dois indivíduos se aproveitando da “generosidade da mamãe loba”.

Imagem 20



Fonte: *O Dia*, 10 maio 1953, p. 4.

Portanto, a caricatura procurou enfatizar uma das mais recorrentes críticas realizadas pelos opositores do governo de Bento Munhoz da Rocha Neto: a prioridade dada aos investimentos no Centro Cívico e nas comemorações do centenário de emancipação política do Paraná em detrimento de outros investimentos no estado.

Ademais, também se percebe, à direita da imagem 20, um homem solitário e esquecido, representando os “barnabés” – designação pejorativa dada ao funcionalismo público, sobretudo de nível hierárquico baixo, que na época reivindicava aumento salarial em virtude da inflação. Aliás, a situação do funcionalismo público paranaense também foi outro tema comum nas caricaturas políticas publicadas pelo jornal opositor *O Dia*.

De autoria de Carlos, a imagem 21 faz uso de uma mensagem direta, denotando que todos os recursos do tesouro paranaense estavam sendo utilizados (ou desperdiçados) nas obras do Centro Cívico (representado como um cesto de lixo) e, assim, não havia verbas para atender às reivindicações salariais dos funcionários públicos.

Imagem 21



Fonte: *O Dia*, 6 mar., 1953, p. 4.

Imagem 22



Fonte: *O Dia*, 2 abr. 1953, p. 4.

Com o título “Páscoa às avessas...”, o caricaturista Carlos, na imagem 22, representou Bento como um coelho da Páscoa, que presenteia o “barnabé” com um cacho de bananas. Publicada nas vésperas da Páscoa de 1953, percebe-se na caricatura uma mensagem subjetiva: fazendo alusão ao gesto obsceno de “dar uma banana”, o governador “presenteia” o funcionalismo público estadual não somente com “uma banana”, mas com um “cacho de bananas”, o que conota, com grande ênfase, que o governador está ignorando, de forma desrespeitosa, as reivindicações de aumento salarial dos funcionários públicos paranaenses.

Já a imagem 23, intitulada “Melancolia de barnabé...”, o autor Carlos utiliza-se de uma mensagem direta, representando um funcionário público diante de uma difícil situação: ao mesmo tempo em que vê que o projeto de aumento salarial encontra-se “engavetado” e esquecido, se depara também os preços dos aluguéis e gêneros alimentícios subirem rapidamente, em virtude da inflação, como dois balões.

Imagem 23



Fonte: *O Dia*, 14 mar. 1953, p. 4.

Desde o final da década de 1940, o Brasil vivia uma fase de crescente inflação e de aumento da carestia de vida. Tal situação também inspirou

algumas caricaturas publicadas pelo jornal *O Dia*, que as exploravam politicamente, uma vez que as atribuíam como responsabilidade do governo de Bento Munhoz da Rocha Neto.

Imagem 24



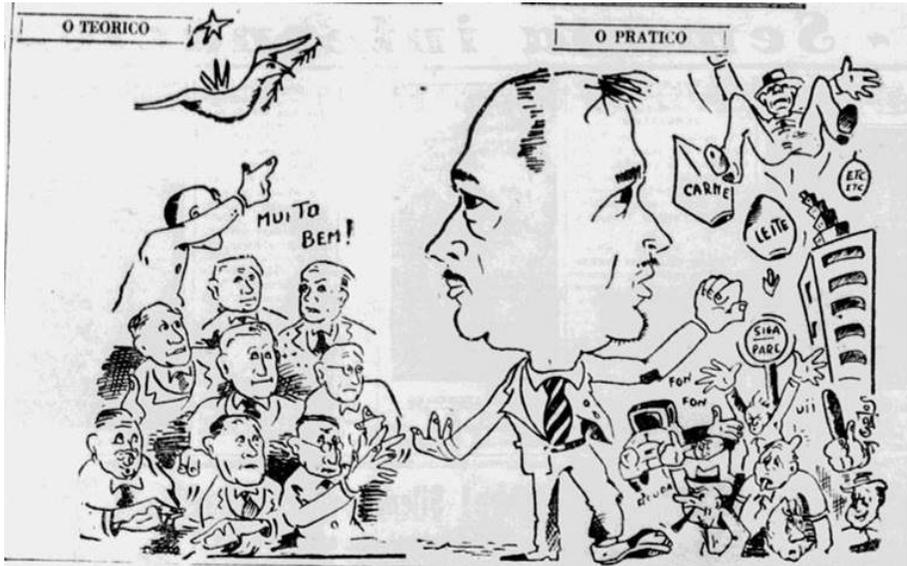
Fonte: *O Dia*, 30 set. 1953, p. 4.

A imagem 24 denota que Bento está contrariando o princípio da gravidade de Isaac Newton, “no qual tudo que sobe tem que descer”, uma vez que atribuí ao seu governo a responsabilidade pela constante subida dos impostos, taxas, gêneros alimentícios e do custo de vida, representados por balões que estão subindo, mas que não descerão. Inclusive, observa-se no canto esquerdo da imagem um homem representando Newton embaixo de uma árvore que, ao mesmo tempo em que observa as maçãs caírem, parece estar mais impressionado e sem compreender as ações do governo de Bento.

Por fim, na última caricatura analisada neste artigo (imagem 25), o autor Carlos faz uso de uma mensagem direta, salientando a contradição existente entre Bento como teórico e intelectual e Bento como político. Pode-se observar que no canto esquerdo da imagem, Bento, como intelectual e teórico, apresenta um discurso que empolga os ouvintes e que aparenta transmitir um ambiente de paz e tranquilidade (representado por uma pomba branca

no alto da imagem). Porém, no canto direito da imagem, é enfatizado que o discurso de Bento não condiz com a sua prática política, pois o seu governo é representado como um verdadeiro caos.

Imagem 25



Fonte: *O Dia*, 14 dez, 1952, p. 4.

### Considerações Finais

A ampla campanha oposicionista empreendida pela imprensa peessedista e lupionista, sobretudo por meio dos jornais *Gazeta do Povo* – o principal jornal do Paraná – e *O Dia*, contribuíram para difundir a imagem do governo de Bento Munhoz da Rocha Neto como amplamente “elitista”, preocupado somente com a construção das “obras faraônicas” do Centro Cívico e outras relativas às comemorações do centenário de emancipação política do Paraná, em detrimento aos investimentos no interior do estado.

No entanto, Rodrigo Patto Sá Motta<sup>48</sup> ressalta que embora as caricaturas ajudem a construir representações de ampla circulação, uma vez que os caricaturistas procuravam construir uma linguagem que permitisse ao grande público compreender o seu discurso, o simples fato delas serem publicadas

<sup>48</sup> MOTTA, op. cit., p. 179-181.

não garante que tenham impactado o público, nem que tenham sido recebidas e interpretadas de maneira unívoca. Portanto, convém salientar que não foi objetivo deste artigo analisar os temas da apropriação e da recepção, nem verificar o impacto que as caricaturas tiveram em uma eventual perda de popularidade do governador Bento Munhoz da Rocha Neto.

Embora houvesse certo descontentamento no interior do Paraná pelo fato do governador ter priorizado as obras de construção do Centro Cívico em Curitiba, deve-se lembrar que nas eleições estaduais de 1954 o Partido Republicano (PR) obteve um crescimento eleitoral, elegendo dois deputados federais e sete deputados estaduais.<sup>49</sup> E em Curitiba, que viveu em 1954 a primeira eleição direta à prefeitura após a redemocratização de 1945, o governador conseguiu eleger o seu candidato – o major Ney Braga<sup>50</sup> – prefeito da capital. Porém, em abril de 1955, Bento Munhoz da Rocha Neto renunciou ao governo do Paraná<sup>51</sup> para assumir o Ministério da Agricultura<sup>52</sup> do governo de João Café Filho, de quem era amigo próximo.

Posteriormente, Bento Munhoz da Rocha Neto concorreu, sem obter êxito, ao Senado em 1962 e ao governo do Paraná em 1965, abandonando a carreira política. Em 1969, aposentou-se da Universidade do Paraná. Sofrendo com problemas de saúde, Bento, poucos dias antes de completar 68 anos de idade, faleceu na madrugada do dia 12 de novembro de 1973 em Curitiba, vitimado por um enfisema pulmonar.

Artigo recebido para publicação em 07/01/2018

Artigo aprovado para publicação em 03/05/2018

<sup>49</sup> O crescimento eleitoral do PR pode ser constatado se compararmos o seu desempenho com as eleições anteriores: nas eleições de 1945 e 1950 o PR não elegeu nenhum deputado federal; na Assembleia Legislativa, por sua vez, em 1947 o PR elegeu quatro deputados estaduais, ampliando para seis deputados em 1950. Mais detalhes, ver: BATISTELLA, Alessandro. O sistema pluripartidário de 1945-1965 no Paraná: uma análise dos partidos políticos, governos e das eleições no estado. *Revista Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, v. 19, n. 2, p. 111-150, 2015.

<sup>50</sup> O militar Ney Aminthas de Barros Braga era ex-cunhado do governador Bento Munhoz da Rocha Neto e ocupava o posto de Chefe de Polícia do Paraná (equivalente a secretário de Segurança Pública) desde 1952. Nas eleições para a prefeitura de Curitiba, Ney Braga, que não era filiado a nenhum partido, teve a sua candidatura lançada por Bento Munhoz da Rocha Neto, concorrendo com o apoio oficial da aliança PR-PSP.

<sup>51</sup> Após a renúncia de Munhoz da Rocha, o governo do Paraná esteve interinamente, durante o mês de abril, nas mãos do deputado petebista Antônio Annibelli, presidente da Assembleia Legislativa, até que uma eleição indireta elegeu Adolpho de Oliveira Franco como o governador responsável para concluir o mandato de Munhoz da Rocha. Segundo David Carneiro e Túlio Vargas, a eleição de Oliveira Franco, banqueiro e presidente da Ordem dos Advogados do Brasil no Paraná, resultou do consenso dos grandes partidos, que aceitaram seu nome como ideal para a fase de transição, dada a sua neutralidade no próximo pleito sucessório. In: CARNEIRO; VARGAS, op. cit., p. 209.

<sup>52</sup> Bento Munhoz da Rocha Neto ocupou a pasta da Agricultura até novembro de 1955.